

Eleição presidencial

MINO CARTA

O trunfo de FHC

A esta altura, o medo de Lula pesa mais que o real

Encaro a nova moeda de um real, com sua elegante borda em cobre e o miolo níquel, e exclamo: "Coisa de primeiro mundo!" De fato, é a irmã dos trópicos de importantes moedas européias. Nada de surpresas, nada de espantos. Leio o artigo assinado por Fernando Henrique Cardoso na *Folha de S. Paulo* de 1º de julho e anoto que, na opinião do presidente, se já não chegamos lá, ao menos trilhamos o bom caminho. Graças ao real, está claro, instrumento da felicidade de uma nação que se nutre de iogurte, frango e biscoitos, que na cozinha não dispensa o forno de microondas e que anda de carro, embora nem sempre de Mercedes, de um japonês de história em quadrinhos, e sim de um simples carro popular.

FHC informa que, durante o seu reinado, a venda de carros populares cresceu 260%. Ah, sim, a nação vem se dedicando à reforma de suas casas, conforme demonstra o aumento de 20% no consumo de cimento. Exclamo: "Quero povo feliz!" Bem que, de tempo para cá, me colhi a pensar em uma reforma das vivendas da periferia paulistana, ou da Rocinha, a favela carioca maior que Gênova, Itália, onde nasceu Colombo, descobridor da América. São meros exemplos. De todo modo, acho discutível o estilo das residências do arrabalde de São Paulo, das favelas do Rio, e de inúmeros outros cantos miseráveis — miseráveis? — do país. Conquanto as construções mantenham um certo ar radical-chic, ou, se quiserem, rústico, o que pode configurar um toque de raro requinte, elas transmitem uma dolorosa impressão de fragilidade e falta de imaginação. Felizmente a turma decidiu fazer uma grande reforma, em proveito da solidez e da estética, não tenho dúvidas.

Depois de ler o artigo do presidente, começo a entender que nos últimos quatro anos pastei, como se dizia nos meus anos verdolengos. Ou seja, não me dei conta do que estava acontecendo. Agora sei que, se me tomar a veneta de visitar a favela do Real Parque, em São Paulo, encontrarei casas de alvenaria erguidas conforme os mais atualizados padrões de funcionalidade, segurança e bom gosto, dotadas de garagens prontas a abrigar no mínimo um carro popular e de cozinhas munidas de forno microondas. Nem se fale das geladeiras. Vai ver os favelados do Real Parque têm até duas, como convém a famílias numerosas e precavidadas.

Há momentos da fulguração. Aconteceu com Saulo, cavaleiro no rumo de Damasco. Fez-se um clarão no céu; ofuscado, Saulo caiu do cavalo. Ouviu uma voz que o chamava e virou São Paulo, há mais de mil e oitocentos anos. Leio o artigo do presidente e exclamo: "Que fiz eu neste tempo todo?" Sou cidadão de um dos melhores países do mundo, praticamente um paraíso, e só consigo enxergar o inferno. Ou, em muitos pontos, um excelente sucedâneo do próprio. No entanto, o presidente soletra que o PIB vai crescer em 1998, que a estabilidade tem garantia definitiva, que o povo vive à larga. Faz-se um clarão e eu, mal comparando, caio metaforicamente do cavalo.

No seu artigo, o presidente não se refere a números e índices fornecidos por fontes provavelmente inconfiáveis. O Banco Mundial, digamos. Segundo o BM, nos últimos quatro anos o Brasil não recua da condição de vice-campeão em má distribuição de renda. Só perde para Serra Leoa. Propala ainda o BM que, em renda média per capita, o Brasil caiu do 33º lugar para o 37º. Nestes últimos quatro anos. Isso discrepa dos carros populares, fornos microondas, geladeiras, frangos etc. etc. Mas a quem dar ouvidos: a FHC ou ao BM? Pelo amor de Deus, a escolha é óbvia.

No texto publicado pela *Folha*

— e também no discurso de aniversário do real, pronunciado no mesmo dia 1º —, o presidente não menciona aterrados índices de desemprego, a desordem reinante nas contas públicas, os resultados negativos de uma política que privilegia o capital externo, tais como o esvaziamento progressivo da empresa nacional, ou o persistente desequilíbrio entre importações e exportações, a favor daquelas. O presidente não explica as razões pelas quais um país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados chega ao fim do segundo milênio envolvido em problemas agrários, sendo que 1% da população detém 50% das terras agricultáveis. E não esclarece os motivos de uma política econômica de franca inspiração neoliberal, praticada em nome da globalização que outros países, ricos e espertos, enfrentam de maneira bem diferente.

A gente, em todo caso, entende FHC e sua paixão pelo real — e tudo o que fez para mantê-lo de pé. Tirando o empenho febril pela reeleição, o governo, a rigor, só atuou em função do real, e é lógico que este seja o seu argumento eleitoral, o seu trunfo. É a tentativa de repetir a situação de quatro anos atrás e o êxito de então, obtido com o apoio decisivo de um cabo imbatível, o próprio plano de estabilidade gerado pela URV. Em quatro anos, muita coisa mudou, a começar pelo mundo. A tarefa agora é mais complicada. A FHC, no entanto, não sobra outro recurso além da reedição da retórica velha de guerra. Não se subestime, ainda assim, o concurso de um cabo eleitoral que em 1994

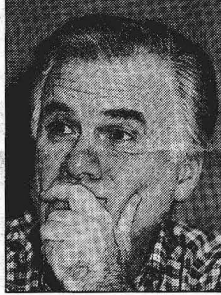
andou escondido e que volta à ribalta por causa de circunstâncias um tanto diversas daquelas referidas no discurso e no artigo presidenciais de quarta-feira passada.

O mais eficaz cabo eleitoral de FHC, bem antes que o real, é o medo do Lula. O terceiro candidato, aquele que se beneficiaria na disputa acirrada entre o presidente e o homem das esquerdas e avançaria à sombra da briga dos dois mais cotados, não deu por enquanto o ar da sua graça e não se afigura provável que venha a dar com o peso e o porte necessários à empreitada. Em contrapartida, as pesquisas mostraram entre

abril e junho que a candidatura Lula subiu nas preferências e que o segundo turno é muito provável, talvez inescapável. Foi o que bastou para convocar os arautos do caos e para reeditar o medo antigo, o qual medra igualmente na favela do Real Parque e no esfuziante bairro do Morumbi, bairro nobre, como se diz, que se espalha em torno dela. As pesquisas mais recentes expõem a presença do medo no recuo de Lula em relação às porcentagens de um mês atrás.

O presidente aposta no medo e não hesitará em estimulá-lo. Aparentemente, é difícil escapar a esse quadro, a não ser na superveniência de um abalo externo de grandes proporções. Um ajuste de Wall Street, a desvalorização do iene, o colapso russo. Neste caso, o governo teria de enfrentar uma temível alternativa: elevar a taxa de juros ou desvalorizar o real. Se algo similar ocorresse antes de outubro, a influência sobre a eleição seria determinante. Se acontecesse depois, como acentua uma análise da Lafis, Pesquisa e Investimento em Ações na América Latina, publicada pela edição de *CartaCapital* que está nas bancas, "quem quer que recebesse a faixa presidencial teria bons motivos para invejar os derrotados". "Mas poupe a sua piedade", recomenda a Lafis, "os milhões de trabalhadores que o neoliberalismo, a globalização e a crise tornaram empregáveis estariam ainda piores."

Os desempregados, aliás, não têm vez no discurso e no artigo do presidente na *Folha*. Será que existem? Não seriam eles uma invenção dos "ferozes críticos do governo?"



Depois de ler o artigo do presidente, começo a entender que nos últimos quatro anos pastei, como se dizia nos meus anos verdolengos.